

ATIVIDADES GRUPAIS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE FEMININA: REVISÃO INTEGRATIVA

GROUP ACTIVITIES IN THE PROMOTION OF FEMALE'S HEALTH: INTEGRATIVE REVIEW

ACTIVIDADES GRUPALES EN PRO DE LA SALUD FEMININA: REVISIÓN INTEGRADORA

Zeile da Mota Crispim¹, Denize Bouttelet Munari², Ana Karina Marques Salge³, Roselma Lucchese⁴

O estudo teve como objetivo identificar evidências da utilização de atividades grupais pelo enfermeiro como instrumento de intervenção na promoção da saúde da mulher, por meio de uma revisão integrativa da literatura em periódicos nacionais de enfermagem com indexação na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. A coleta de dados aconteceu entre julho/2008 a janeiro/2010, que após análise permitiu a inclusão de 40 artigos, com foco à mulher adulta, adolescente, abordando a sexualidade, direitos sexuais, reprodutivos e o processo de envelhecimento. Concluiu-se que houve expansão da estratégia grupal na assistência à saúde feminina, pertinente ao programa nacional que orienta essa atenção, embora apresente lacunas, as pesquisas analisadas contribuem para a construção do conhecimento e conduzem o enfermeiro positivamente para ações assistenciais de qualidade.

Descritores: Educação em Saúde; Enfermagem; Estrutura de Grupo; Saúde da Mulher.

The study aimed to identify evidence of the use of group activities by nurses as an intervention tool in promoting women's health, through an integrative literature review in national nursing periodic indexing in the Latin American and Caribbean Health Sciences. The gathering of data was made from July/2008 to January/2010, which after being analyzed allowed the inclusion of 40 articles, focusing on adult woman, teenager, sexuality, sexual rights, reproductive and aging process. It was so concluded that it had expansion of group strategy in the woman health assistance, which is relevant to the national program, responsible to guide this attention. Although there are gaps, the researches that had been analyzed contribute to the construction of knowledge and lead the nurse positively to high quality aid actions.

Descriptors: Health Education; Nursing; Group Structure; Woman's Health.

El estudio tuvo como objetivo identificar la evidencia de la utilización de actividades de grupo por los enfermeros como un instrumento de intervención en la promoción de la salud de la mujer, mediante una revisión integradora de la literatura en periódicos nacionales de enfermería con indexación en América Latina y el Caribe en Ciencias de la Salud. La recopilación de datos fue realizada entre julio/2008 a enero/2010, que después de análisis permitió la inclusión de 40 artículos con atención a la mujer adulta, adolescente, abordando la sexualidad, derechos sexuales, reproductivos y el proceso de envejecimiento. Se concluyó que hubo expansión de la estrategia grupal en la asistencia a la salud femenina, pertinente al programa nacional que orienta esa atención, aunque presente vacíos, las pesquisas examinadas contribuyen para la construcción del conocimiento y conducen al enfermero positivamente para acciones de asistencia de calidad.

Descritores: Educación en Salud; Enfermería; Estructura de Grupo; Salud de la Mujer.

* Trabalho extraído da Dissertação de Mestrado: Atividades grupais na atenção à saúde da mulher: revisão integrativa de 1980 a 2009, apresentada à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, em 2010.

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente do Centro Universitário UniEVANGÉLICA — Brasil. E-mail: zeile@ig.com.br

² Enfermeira; Doutora em Enfermagem; Professora Titular da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás. Goiânia-GO. Brasil. E-mail: denize@fen.ufg.br

³ Enfermeira; Doutora em Ciências da Saúde; Professora Adjunto da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás Goiânia-GO. Brasil. E-mail: anakarina@fen.ufg.br

⁴ Enfermeira; Doutora em Enfermagem; Professora Adjunto da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás — Campus Catalão-GO. Brasil. E-mail: rosalmalucchese@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A produção científica sobre a saúde da mulher conquistou um expressivo avanço nos últimos anos, fato que pode ser relacionado à dedicação dos profissionais de saúde em compreender suas necessidades e particularidades⁽¹⁾. Em especial, a Enfermagem enquanto prática social vem enfocando e respondendo às questões da saúde feminina por meio da pesquisa e da busca de evidências para o progresso científico e tecnológico⁽²⁾.

As investigações científicas nesse campo tiveram maior envolvimento dos enfermeiros com a Reforma Universitária Brasileira na década de 70, que gerou mudanças no ensino de graduação e da pós-graduação, permitindo avanços importantes na avaliação crítica do exercício profissional⁽²⁾. Alguns marcos históricos como o movimento feminista, a Reforma Sanitária Brasileira, a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), as conferências realizadas na cidade do Cairo/Egito, Pequim/China e ainda na Convenção de Belém do Pará/Brasil, também foram fatores determinantes na definição dos rumos do desenvolvimento de políticas e investimentos na saúde da mulher⁽²⁻³⁾.

De modo geral, entre as metodologias sugeridas para a abordagem da assistência a mulher, destacamos o uso da tecnologia de grupo como recurso para desenvolvimento de atividades educativas ou terapêuticas, com foco na promoção da saúde, prevenção das doenças, planejamento familiar, orientação e acompanhamento das gestantes, puérperas, entre outras ações⁽⁴⁾. A utilização desse recurso é cada vez mais presente na assistência de enfermagem e sua evolução é notória a partir dos anos 90 do século XX⁽⁵⁻⁶⁾.

O conceito de grupo que orienta o presente estudo é o de que este é um conjunto estruturado de pessoas, organizado a partir das interações psicológicas entre os seus membros e pela consciência que estes têm de pertencer a este conjunto. Por essa razão cada grupo se constitui em uma “nova identidade, com leis e mecanismos próprios e específicos”^(7:28), onde os integrantes estão reunidos igualmente, realizando uma tarefa com objetivos e interesses comuns. Sua utilização na área da saúde deve permitir aos seus integrantes reflexões sobre os alicerces da convivência e perceberem a saúde não como um bem que lhes é concedido, mas como um direito social. Os usuários dos grupos de educação em saúde, por exemplo, não são apenas consumidores das orientações, mas sujeitos de sua própria educação⁽⁸⁻⁹⁾.

O enfermeiro como educador ao desenvolver ações educativas deve sistematizar o cuidado, dedicando-se não apenas a doença, mas estimulando a autonomia das pessoas⁽¹⁰⁾. Nesse contexto, as ações educativas devem ser construídas para viabilizar aos integrantes, acesso ao conhecimento, estimulando o desenvolvimento da autonomia, resolução de problemas, fortalecendo seu potencial para agir como transformador de sua própria vida e multiplicador do conhecimento constituído. O espaço grupal pode propiciar momentos de descontração, de alegria, de prazer, reduzindo o isolamento social^(9,11).

A tecnologia grupal nesse sentido pode ser concebida como um significativo instrumento de assistência pelas possibilidades em oferecer vantagens tanto para o profissional como para os clientes, sobretudo, por desenvolver autonomia dos sujeitos e valorizar as relações humanas⁽¹²⁻¹³⁾. As atividades grupais, em geral, têm sido recomendadas como ferramenta do cuidado humano em saúde e também são ações propostas pelo Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), criado em 1984, para priorizar a assistência à saúde da mulher⁽¹⁴⁾. As atividades grupais previstas no PAISM têm por objetivo oferecer conhecimentos, propiciar questionamentos e reflexão sobre os temas de interesse dessa clientela. Segundo normas desse programa, elas devem anteceder a primeira consulta, servirem de reforço as ações individuais, ter caráter participativo, permitindo a troca de informações e experiências⁽¹⁴⁾.

Considerando que os enfermeiros tomam como base o PAISM para a condução de suas práticas, essa pesquisa foi desenvolvida com objetivo de identificar evidências da utilização de atividades grupais pelo enfermeiro como instrumento de intervenção na promoção da saúde da mulher.

METODOLOGIA

O estudo foi elaborado a partir de uma revisão integrativa da literatura que é um tipo de pesquisa fundamentado na prática baseada em evidência, o que garante confiabilidade e profundidade as conclusões⁽¹⁵⁻¹⁶⁾. A elaboração da revisão foi feita pela seleção da questão inicial, definição de critérios de inclusão e exclusão e das informações a serem extraídas do material selecionado, avaliação dos estudos incluídos na revisão e síntese⁽¹⁵⁾.

A condução da revisão foi baseada na questão: Como se caracteriza a produção científica da enfermagem

brasileira com o uso do recurso grupal nas atividades para a promoção da saúde da mulher? O delineamento, especificamente, focado na literatura nacional, se justificativa pelo interesse singular em conhecermos como o enfermeiro brasileiro tem utilizado a atividade grupal no contexto da assistência à saúde da mulher, especialmente, considerando as orientações do PAISM.

Os critérios de inclusão para seleção do material foram: ser artigo publicado pela enfermagem; na área da Saúde da Mulher indicando intervenção grupal; no período de 1980 a 2009; disponível na íntegra em periódicos nacionais; indexados no mínimo na base de dados LILACS; acessados eletronicamente ou no acervo da Biblioteca Central do Campus Universitário em Ribeirão Preto e no Núcleo de Apoio Bibliográfico Gleite de Alcântara da Escola de Enfermagem em Ribeirão Preto, ambos da USP; cujo conteúdo permitisse classificação das forças de evidências⁽¹⁷⁾. A opção pelo acervo da respectiva universidade se deu pelo fato da mesma se constituir no maior da América Latina.

A opção pelas buscas diretas nos periódicos, além da base LILACS ocorreu por não termos resultados satisfatórios apenas com o uso os descritores selecionados: saúde da mulher, educação em saúde, estrutura de grupo, processos grupais, promoção da saúde e psicoterapia de grupo.

A coleta de dados teve início no mês de julho de 2008 e se estendeu até janeiro de 2010, sendo conduzida pelo uso de um protocolo que orientou a avaliação dos estudos incluídos na pesquisa. Foi realizada leitura exaustiva do material selecionado, com base no protocolo de avaliação, momento em que extraímos toda a informação necessária e pertinente ao objeto de estudo. O protocolo preenchido para cada artigo se constituiu no banco de dados da pesquisa, embora os artigos na íntegra fossem acessados sempre que necessário.

A seleção dos artigos foi realizada por duas pesquisadoras, de forma independente. A decisão de inclusão ou não dos artigos foi sustentada pelos dados do protocolo e o objetivo do estudo. A validação do processo de seleção dos artigos permitiu a seleção de 40, dos 186 analisados. A análise dos artigos foi conduzida considerando o nível de evidência⁽¹⁷⁾, a evolução temporal da produção, a faixa etária a que se destinava a intervenção grupal, as características da intervenção e as lacunas identificadas tendo como base as orientações do PAISM.

RESULTADOS

A maioria dos artigos selecionados, constituiu-se em pesquisas originais 20 (50,0%), cujas intervenções indicaram força de evidência⁽¹⁷⁾ nível 4. Os demais 20 artigos (50,0%), focalizam intervenções apresentadas como relatos de experiência, caracterizados com força de evidência⁽¹⁷⁾ nível 5, como apresentam os quadros.

Embora o recorte temporal do estudo englobe publicações de 1980 a 2009, observamos que o ano de 1985 marca o início das publicações sobre o tema estudado, tendo em vista os critérios de inclusão definidos. A partir dos anos 2000 verificamos uma expansão da publicação de artigos sobre a temática estudada, destacando-se nesse processo os anos de 2007 (08 artigos), 2008 (07 artigos) e 2009 (06 artigos), como pode ser observado nos quadros.

Quadro 1a — Artigos incluídos segundo autores, ano de publicação, periódico, título e nível de evidência

Autor	Ano	Periódico	Título	Nível
Martins YP, Moretto SC.	1985	Rev Bras Enferm	Educação para a saúde junto a um grupo de adolescentes: relato de uma experiência de estudantes de enfermagem.	5
Cocco MIM, Palu MJAF, Silva ERS.	1988	Rev Bras Enferm	Programa de laqueadura relato de experiência com grupo multiprofissional	5
Maia CAT, Colodo M, Vale IN.	1988	Rev Bras Enferm	Cirurgia ginecológica: trabalho em grupo visando o preparo para internação.	5
Barros AS, Christoforo FFM.	1993	Rev Bras Enferm	Abordagem do enfermeiro no grupo educativo com gestantes candidatas a laqueadura.	4
Dreher ML, Ferreira SRS, Eidt OR.	1995	Rev Gaúcha Enferm	Prevenção da AIDS: experiência participativa com adolescentes de uma escola estadual de 1 ^o grau em Porto Alegre.	5
Amorim MHC, Freitas ABS, Batista EM, Pacheco LN.	1996	Rev Bras Enferm	Oficina de trabalho: "mulher — uma viagem ao seu corpo".	4
Portella MR.	1999	Rev Bras Enferm	Cuidar para um envelhecer saudável: a construção de um processo educativo com mulheres rurais.	4
Stefanelli MC, Cadete MMM, Aranha MI, Pinheiro JG, Santos AM.	1999	Rev Gaúcha Enferm	Programa educativo sobre prevenção do HIV/AIDS.	4
Frederico P, Fonseca LMM., Nicodemo AMC.	2000	Rev Latino-Am. Enfermagem	Atividade educativa no alojamento conjunto: relato de experiência.	5

Quadro 1b — Artigos incluídos segundo autores, ano de publicação, periódico, título e nível de evidência

Autor	Ano	Periódico	Título	Nível
Hoga LAK, Abe CT.	2000	Rev Esc Enf USP	Relato de experiência sobre o processo educativo para a promoção da saúde de adolescentes.	5
Daoud IG, Santana MG.	2000	Texto Contexto Enferm	Construção de um processo educativo com um grupo de mulheres climatéricas.	5
Silva RM, Rodrigues DP, Gurgel AH, Farias LM.	2000	Rev Rene	Auto-exame das mamas em mulheres jovens e a relação com o autocuidado.	4
Rodrigues MGS, Kantorski LP, Gomes VOL.	2000	Texto Contexto Enferm	Um processo de educação em saúde desenvolvido com um grupo de mães de crianças com algum grau de desnutrição.	5
Spíndola T.	2001	Rev Enferm UERJ	Orientando gestantes em grupos de pré-natal: a experiência multidisciplinar na Universidade do Rio de Janeiro.	5
Brienza AM, Mishima SM, Frederico P, Clápis MJ.	2002	Rev Bras Enferm	Grupo de reeducação alimentar: uma experiência holística em saúde na perspectiva familiar.	5
Reis AL, Xavier IM.	2003	Rev Bras Enferm	Mulher e AIDS: rompendo o silêncio de adesão.	4
Bastos AM, Teixeira E, Miranda SA.	2004	Rev Min Enf	Ação educativa sobre remédios caseiros com vistas ao preparo e utilização no cuidar cotidiano de saúde: relato de experiência com mulheres ribeirinhas.	5
Moraes LMP, Braga VAB.	2005	Rev. Min. Enf.	Oficinas de sensibilidade e criatividade com um grupo de adolescentes institucionalizados.	5
Amaral MA, Fonseca RMGS.	2005	Rev. Min. Enf.	A oficina de trabalho como estratégia educativa com adolescentes na área de sexualidade.	5
Martins JJ, Barra DCC, Santos TM, Hinkel V, Nascimento ERP, Albuquerque GL, Erdmann AL.	2007	Rev Eletr Enf	Educação em saúde como suporte para a qualidade de vida de grupos de terceira idade.	4
Murakami JK, Filho JFP, Filho PCPT, Acorinte AC, Napoleão AA.	2007	Rev Min Enf	Planejando, desenvolvendo e avaliando uma intervenção grupal junto a adolescentes: uma perspectiva sistêmica.	4
Souza MM.	2007	Rev Bras Enferm	Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes.	5
Teixeira E.	2007	Esc Anna Nery	Práticas educativas em grupo com uma tecnologia sócio-educativa: vivências na ilha de Carateteua, Belém.	

Quadro 1c — Artigos incluídos segundo autores, ano de publicação, periódico, título e nível de evidência

Autor	Ano	Periódico	Título	Nível
Sousa RA, Victor JF.	2007	Rev Rene	Grupo de teatro de fantoches saúde com arte: proposta de Enfermagem para educação em saúde.	5
Scherer ZAP, Scherer EA, Carvalho AM.	2007	Rev Latino-Am Enfermagem	Grupoterapia com estudantes de Enfermagem durante a transição teórico-prática.	4
Pereira QLC, Silva CBDCA, Pelzer MT, Lunardi VL.	2007	Texto Contexto Enferm	Processo de (re) construção de um grupo de planejamento familiar: uma proposta de educação popular em saúde.	5
Souza KV, Tyrrel MAR.	2007	Texto Contexto Enferm	Os fatos & atos relacionados ao (difícil) exercício dos direitos sexuais e reprodutivos: em recortes, o processo de viver de um grupo de mulheres de classe populares.	4
Caliani MFCJ, Otani MAP.	2008	Rev Min Enf	Ações educativas com adolescentes: uma intervenção necessária.	4
Beserra EP, Pinheiro PNC, Barroso MGT.	2008	Esc Anna Nery	Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes.	4
Araújo A, Rocha RL, Armond LC.	2008	Rev Min Enf	O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes.	4
Neves ET, Cabral IE.	2008	Texto Contexto Enferm	Empoderamento da mulher cuidadora de crianças com necessidades especiais de saúde.	4
Morais MLC, Costa PB, Aquino PS, Pinheiro AKB.	2008	Rev Eletr Enf	Educação em saúde com prostitutas de Fortaleza: um relato de experiência.	5
Trindade WR, Ferreira MA.	2008	Texto Contexto Enferm	Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres.	4
Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB.	2008	Texto Contexto Enferm	Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface.	4
Zampieri MFM, Tavares CMA, Hames MKC, Falcon GS, Silva AL, Gonçalves LT.	2009	Esc Anna Nery	O processo de viver saudável das mulheres no climatério.	4
Trindade WR, Ferreira MA.	2009	Rev Bras Enferm	Grupo feminino de cuidado: estratégia de pesquisa-cuidado à mulher.	4
Santos W, Munari DB, Medeiros M.	2009	Rev Elet Enf	O grupo de mulheres que vivem e convivem com HIV/AIDS.	5
Gubert FA, Santos ACL, Aragão KA, Pereira DCR, Vieira NFC, Pinheiro PNC.	2009	Rev Bras Enferm	Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE.	4
Busanello J, Silva MRS, Oliveira AMN.	2009	Rev Rene	Sexualidade na adolescência: realidade de uma comunidade rural.	4
Silva KL, Izidoro IFRV, Maia CC, Sobreira TT.	2009	Rev Rene	Métodos contraceptivos: estratégia educativa com adolescentes.	5

Quando analisamos a faixa etária a que se destinavam as intervenções grupais focalizadas para a promoção da saúde da mulher, observamos que essa ocorre durante todo ciclo vital. Para facilitar a análise dividimos em três grupos: Promoção da saúde da mulher na adolescência, na idade adulta e no processo de envelhecimento, figura 1.

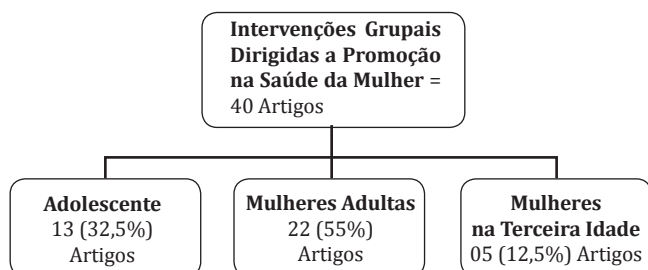


Figura 1 — Distribuição da quantidade de artigos de acordo com a clientela atendida nas intervenções grupais

Na assistência a promoção da saúde as **adolescentes** os treze artigos tratam: do viver a adolescência; da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis; de discussões sobre: a sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, contexto socioeconômico e cultural, convivência grupal. A maioria das intervenções (22 artigos) é dirigida às **mulheres adultas** e focalizam os direitos sexuais e reprodutivos, o ensino do autocuidado, o empoderamento da mulher no cuidado dos filhos e cinco (05 artigos) tratam das **mulheres na terceira idade**, em especial, a vivência da sexualidade e o viver saudável nessa faixa etária.

Para desenvolver a promoção da saúde e despertar as mulheres para a tomada de consciência sobre a necessidade do conhecimento sobre o próprio corpo, os autores utilizaram como técnicas grupais em maior frequência programas educativos (12 artigos), oficinas (11 artigos), grupos operativos (03 artigos), grupos de adesão (03 artigos), entre outras tecnologias. O referencial teórico que apóia as intervenções estudadas foi variado e presente em 4.94% dos artigos; 32.43% utilizam o Método da Problematização de Paulo Freire e 21.62% dos artigos não indicam fundamento teórico de grupo em seu conteúdo.

Mesmo diante das evidências de expansão da produção do conhecimento relacionado ao uso de intervenções grupais na promoção da saúde da mulher nos últimos 5 anos, verificamos algumas lacunas, identificadas quando analisamos as orientações do PAISM. Entre eles destacamos a ausência de intervenções grupais que

focalizem na saúde da mulher: a infertilidade e reprodução assistida; o acompanhamento integral e específico na adolescência; as doenças crônico-degenerativas além do câncer de mama; a saúde ocupacional; a saúde mental; as portadoras de necessidades especiais; as negras, as mulheres rurais, indígenas, presidiárias e lésbicas e a participação das mulheres nas discussões e atividades da saúde da mulher e o meio ambiente. Observamos ainda a dificuldade de inclusão do homem na assistência à saúde da mulher, tanto para benefício do casal, como apenas para ele usufruir os benefícios de direito.

DISCUSSÃO

Os resultados mostram que ao longo do período estudado, houve expansão do uso das atividades grupais como ferramentas significativas no processo educativo e na promoção da saúde, por possibilitar a união da tríade educação, saúde e atenção básica⁽¹⁴⁾. As atividades grupais representam oportunidade de discutir assuntos de importância da coletividade, na intenção de solidificar reflexões que possam ecoar positivamente na vida dos integrantes, sobretudo fortalecendo os indivíduos para se responsabilizarem por sua própria saúde⁽¹⁸⁾.

Chama a atenção no resultado da pesquisa a classificação do nível de evidência⁽¹⁷⁾ dos artigos incluídos no estudo, sendo 50% com delineamento de estudos não experimentais, descritivos, de abordagem qualitativa (evidência nível 4) e 50% como relatos de experiência, que foi interpretado nesse caso como sendo semelhante a um relatório de caso (evidência nível 5). Esse fato indica que é fundamental aos estudiosos da temática o desenvolvimento de projetos com delineamento metodológico mais robustos para o estudo das intervenções grupais, em particular que privilegiem a avaliação sistematizada do impacto dessas intervenções^(5-6,9,12).

No que diz respeito ao enfoque dado pelas intervenções vale destacar que a educação em saúde foi utilizada para abordar diversos temas como, climatério, envelhecimento saudável, sexualidade feminina, autocuidado, orientações para mães no cuidado com os filhos, adolescência, entre outros^(10,18). As estratégias educativas para o autocuidado feminino devem ser estimuladas para a interação entre as participantes do processo e a coordenadora por meio do diálogo, em uma construção e reconstrução de saberes. Nesse contexto, a própria mulher desenvolve o sentido de liberdade para tomar

suas decisões, com base nos próprios valores e conhecimentos. Estudos⁽¹⁹⁻²²⁾ apontam que o enfermeiro tem ocupado posição de destaque nos serviços de saúde por facilitar o acolhimento e a assistência às necessidades e anseios das mulheres.

A aprendizagem em/com um grupo está conectada a convivência e adesão de seus membros e ainda na integração de seus mediadores/coordenadores. Nesse sentido, os dados da pesquisa indicam que os enfermeiros tem se apropriado das atividades grupais utilizando-as de forma criativa, como alternativas na promoção da saúde e na melhoria da qualidade de vida⁽²⁰⁾. As ações de promoção, proteção e recuperações desenvolvidas com e para as pessoas são medidas de assistência e prevenção avalizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS)⁽²¹⁾.

Ao analisarmos o referencial adotado pelos autores para sustentar suas intervenções, verificamos que ainda é limitada a utilização de referencial específico e consistente para conduzir e apoiar o desenvolvimento das atividades. Isso mostra que ainda é necessário aos enfermeiros buscar formação específica para a coordenação de grupos e fortalecer suas ações^(5-6, 9, 12-13).

Quando analisamos a clientela a que se destinavam as atividades grupais, chama a atenção que a maioria dos artigos (55%) foi desenvolvida com mulheres adultas. As adolescentes (32,5%) e as mulheres na terceira idade (12,5%), respectivamente, receberam menos atenção com o uso dessa modalidade de intervenção. Estudos recentes^(2-4, 19-20, 22-24) apontam que o atendimento a mulher adulta, já incorporado na rotina dos serviços de saúde, abre portas para se expandir a atenção em saúde para mulheres de outras faixas etárias.

As intervenções dirigidas ao grupo das **adolescentes** mostram que essas visam o desenvolvimento do conhecimento do processo de adolecer, construção de cidadania, sexualidade, proteção contra as DST, contracepção, entre outros tópicos⁽²⁵⁻²⁹⁾. Desenvolvidas por meio de oficinas ou outros processos grupais, estas colaboram para desenvolver a construção do conhecimento coletivo.

Os resultados das pesquisas mostram que as mudanças ocorridas na adolescência devem ser esclarecidas, a fim de que sejam aceitas e possibilitem a redução dos sentimentos de vergonha e acanhamento em relação ao próprio corpo. É responsabilidade do enfermeiro estabelecer o diálogo franco, respeitando as diferenças culturais e os direitos sexuais e reprodutivos das adolescentes. Ou-

tros seguimentos da sociedade como a família e a escola necessitam ser incluídos nesse contexto educativo dos adolescentes por possuírem vínculos afetivos e encargos para a formação dessas pessoas⁽²⁶⁾. As orientações/discussões sobre sexualidade com adolescentes necessitam de comunicação clara e compreensível, transparente e sincera, para criar vínculos e confiabilidade no trabalho grupal⁽²⁸⁾.

Os artigos que tratavam das intervenções grupais dirigidas às **mulheres adultas** contemplam ações relacionados à educação da mulher para o cuidado alimentar de seus filhos, para o autocuidado, ao exercício da cidadania, para cuidado durante o ciclo gravídico puerperal, acompanhamento de situações de adoecimento, valorização da condição feminina, entre outros^(11,19-21,24,30). As ações de promoção da saúde no contexto grupal realçam princípios éticos, a solidariedade, a integralidade da humanização da assistência, relações de gênero, direitos sexuais e reprodutivos femininos.

Todos esses enfoques ganham destaque quando discutidos no espaço grupal, principalmente, quando são identificados pelos participantes. As técnicas grupais empregadas para as intervenções dos estudos incluídos na pesquisa dirigidos a população adulta feminina foram utilizadas sempre com criatividade e sensibilidade para explorar a superação da mulher diante das adversidades da vida.

Os artigos também focalizam as **mulheres na terceira idade**, embora esse seja o grupo etário menos favorecido pelas intervenções grupais. O primeiro artigo identificado foi no ano de 1999. Para o desenvolvimento das cinco intervenções identificadas por meio dos artigos, foram realizadas oficinas, onde o diálogo reflexivo permitiu a reflexão-ação entre enfermeira e grupo, e também discussão sobre o envelhecimento bem sucedido. Foram exploradas ainda as mudanças corporais ocorridas nesta fase de vida, visto que essa tecnologia assegura a autonomia e a independência das pessoas idosas.

Com base nos dados do censo demográfico do ano 2000, o Brasil é apontado como uma nação em fase de envelhecimento, ocupando o sexto lugar no mundo em número absoluto de pessoas com mais de 60 anos. Essa realidade exige a necessidade de um planejamento especial das ações para a assistência dessa população no Sistema de Saúde, visto que as mulheres constituem a maioria das usuárias desse sistema, possuem uma expectativa de vida ao nascer de 72,9 anos e vivem um

terço das suas vidas acima dos 50 anos. Portanto, será necessária uma assistência específica e integral para que essa clientela tenha qualidade de vida, tendo como foco a busca da felicidade em um viver melhor. As práticas grupais favorecem a visão das dificuldades decorrentes dessa fase menos exacerbadas, assim como, descobertas para vivenciar outras oportunidades⁽²²⁻²³⁾.

O envelhecimento constitui uma fase no ciclo da vida com mudanças corporais, sociais e culturais marcantes. Assim sendo, a assistência de Enfermagem para essa clientela deve contemplar em especial a educação, a promoção, a manutenção e recuperação da saúde. A aplicação das práticas grupais favorece uma visão menos exacerbada das dificuldades decorrentes dessa fase, auxilia o entendimento das mudanças ocorridas em seu corpo no decorrer do climatério e no envelhecimento ou desvendar e vivenciar outras oportunidades.

A análise dos artigos incluídos na pesquisa possibilitou-nos uma visão geral acerca da produção do enfermeiro brasileiro sobre o uso das atividades grupais na promoção da saúde da mulher e permitiu ainda a identificação de lacunas quando analisamos os resultados de forma global e os comparamos as recomendações do PAISM. As lacunas identificadas indicam que há muito que se fazer em favor da promoção da saúde da mulher, particularmente, porque essas indicam que mulheres em situações de vulnerabilidade ainda não tem sido alvo do interesse de estudos.

As intervenções grupais não têm como propósito substituir a assistência individualizada dos profissionais nas instituições de saúde, mas devem se constituir como complemento nos projetos terapêuticos das equipes de saúde para potencializar as ações de promoção de saúde⁽¹²⁻¹³⁾. O compartilhamento vivenciado em grupo favorece aos participantes suporte para a superação de problemas inerentes as situações de vida, que os tratamentos convencionais nem sempre são capazes de responder^(12, 30).

CONCLUSÃO

Tendo em vista o objetivo do presente estudo de identificar evidências da utilização de atividades grupais pelo enfermeiro como instrumento de intervenção na promoção da saúde da mulher, concluímos que ao longo do período estudado houve expansão do uso desse recurso, sendo que a partir dos anos 2000 essa é mais evidente o aumento da produção.

Considerando que os estudos incluídos na pesquisa foram classificados com nível de evidência 4 e 5, de acordo com a referência adotada na pesquisa, salientamos que é fundamental aos pesquisadores da área da saúde da mulher que utilizam atividades grupais, o desenvolvimento de estudos cujos delineamentos viabilizem níveis de evidências de maior confiabilidade. Estudos quase experimentais de avaliação da efetividade das atividades grupais podem se constituir em uma possibilidade para se alcançar essa intenção.

As mulheres adultas fazem parte do grupo mais favorecido pelas intervenções grupais, indicando uma lacuna para com os demais grupos etários que merecem atenção dos profissionais de saúde e dos pesquisadores.

Considerando o enfoque pretendido de analisarmos essa produção a luz do PAISM, verificamos que os enfermeiros buscaram ao longo dos anos se apropriarem do conhecimento específico para aplicação das atividades grupais, sendo essas pertinentes ao programa nacional que orienta a saúde da mulher. No entanto, as lacunas identificadas ainda se constituem em grandes desafios para expandir e qualificar a atenção de saúde a esse grupo.

Embora os artigos apontem o uso de algum referencial teórico para amparar o desenvolvimento das atividades grupais, ainda observamos que ainda existem ações sendo desenvolvidas sem suporte adequado e consistente. Esse achado reforça a idéia de que o enfermeiro deve desenvolver conhecimento específico para o manejo e coordenação das atividades grupais.

A análise do material incluído na pesquisa permitiu ainda observar que o uso das atividades grupais facilita a aplicação dos princípios da humanização no processo de cuidar, especialmente, por permitir o fortalecimento do vínculo e da responsabilização. Esse recurso na atenção à saúde da mulher mostrou-se um instrumento valioso para o cuidado de promoção e prevenção na atenção à saúde dessa clientela.

REFERÊNCIAS

1. Tavares MFL, Mendonça MHM, Rocha RM. Práticas em saúde no contexto de reorientação da atenção primária no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, na visão das usuárias e dos profissionais de saúde. *Cad Saúde Pública*. 2009; 25(5):1054-62.
2. Souto CMMR, Pessoa SMF, Damasceno MMC, Araújo TL. Tendências das pesquisas de enfermagem em

- saúde da mulher no período de 2001 a 2005. *Texto Contexto Enferm.* 2007; 16(4):719-26.
3. Costa AM. Participação social na conquista das políticas de saúde para mulheres no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2009; 14(4):1073-83.
 4. Coelho EAC, Oliveira JF, Silva CTO, Almeida MS. Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2009; 13(1):154-60.
 5. Godoy MTH, Munari DB. Análise da produção científica sobre a utilização de atividades grupais no trabalho do enfermeiro no Brasil: 1980 a 2003. *Rev Latino-am Enferm.* 2006; 14(5):156-63.
 6. Fernandes CNS, Munari DB, Soares SM, Medeiros M. Habilidades e atributos do enfermeiro como coordenador de grupos. *Rev Rene.* 2008; 9(1):146-53.
 7. Zimerman DE. Importância e conceituação de grupo. In: *Fundamentos básicos das grupoterapias.* 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2000. p. 82-7.
 8. Toledo MM, Rodrigues SC, Chiesa AM. Educação em saúde no enfrentamento da hipertensão arterial: uma nova ótica para um velho problema. *Texto Contexto Enferm.* 2007; 16(2):233-8.
 9. Munari DB, Lucchese R, Medeiros M. Reflexões sobre o uso de atividades grupais na atenção a portadores de doenças crônicas. *Ciênc Cuidado Saúde.* 2009; 8:150-6.
 10. Lopes EM, Anjos SJSB, Pinheiro AKB. Tendência das ações educativas em saúde realizadas por enfermeiros no Brasil. *Rev Enferm UERJ.* 2009;17(2):273-7.
 11. Pinheiro CPO, Silva RM, Mamede MV, Fernandes AFC. Participação em grupo de apoio: experiência de mulheres com câncer de mama. *Rev Latino-am Enferm.* 2008; 16(4):733-8.
 12. Munari DB, Furegato ARF. *Enfermagem e grupos.* 2ª ed. Goiânia (GO): AB; 2003.
 13. Mota KAMB, Munari DB, Leal ML, Medeiros M, Nunes FC. As trilhas essenciais que fundamentam o progresso e desenvolvimento da dinâmica grupal. *Rev Eletr Enf [periódico na Internet].* 2007 [citado 2008 nov 12]; 9(1):229-41. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1/pdf/v9n1a18.pdf>.
 14. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, princípios e diretrizes. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2004. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).
 15. Ganong LH. Integrative reviews of nursing research. *Res Nurs Health.* 1987; 10(1):1-11.
 16. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 2008; 17(4):758-64.
 17. Stetler CB, Bruneli M, Giuliano KK, Morsi D, Prince L, Stokes VN. Evidence-based practice and the role of nursing leadership. *J Nurs Adm.* 1998; 28(7-8):45-53.
 18. Dall'Agnoll CM, Resta DG, Zanatta E, Schrank G, Maffacioli R. O trabalho com grupos como instância de aprendizagem em saúde. *Rev Gaúcha Enferm.* 2007; 28(1):21-6.
 19. Trindade WR, Ferreira MA. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. *Texto Contexto Enferm.* 2008; 17(3):417-33.
 20. Teixeira E. Práticas educativas em grupo com uma tecnologia sócio-educativa: vivências na Ilha de Caratateua, Belém. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2007; 11(1):155-9.
 21. Moraes MLC, Costa PB, Aquino OS, Pinheiro AKB. Educação em saúde com prostitutas de Fortaleza: relato de experiência. *Rev Eletr Enf [periódico na Internet].* 2008 [citado 2008 nov 15]; 10(4):1144-51. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a27.htm>.
 22. Zampieri MFM, Tavares CMA, Hames MLC, Falcon GS, Silva AL, Gonçalves LT. O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. *Esc Anna Nery Rev Enf.* 2009; 13(2):305-12.
 23. Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. *Texto Contexto Enferm.* 2008; 17(3):519-26.
 24. Neves ET, Cabral IE. Empoderamento da mulher cuidadora de crianças com necessidades especiais de saúde. *Texto Contexto Enferm.* 2008; 17(3):552-60.
 25. Almeida NAM, Silva LA, Araújo NM. Conhecimento de acadêmicos de Enfermagem sobre disfunções sexuais femininas. *Rev Eletr Enf [periódico na Internet].* 2005 [citado 2010 jan 20]; 7(2):138-47. Disponível em: http://fen.ufg.br/revista/revista7_2original_01.htm.
 26. Gubert FA, Santos ACL, Aragão KA, Pereira DCR, Vieira NFC. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. *Rev Eletr Enf [periódico na Inter-*

- net]. 2009 [citado 2009 jan 2]; 7(2):138-47. Disponível em: <http://www.fen.ufg/revista/v11/n1/v11n1a21htm>.
27. Araújo A, Rocha RL, Armond LC. O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes. REME — Rev Min Enferm. 2008; 12(2):207-12.
28. Caliani MFCJ, Otani MAP. Ações educativas com adolescentes: uma intervenção necessária. REME — Rev Min Enferm. 2008; 12(2):195-200.
29. Beserra EP, Pinheiro PNC, Barroso MGT. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2008; 12(3):522-8.
30. Santos W, Munari DB, Medeiros M. O grupo de mulheres que vivem e convivem com HIV/AIDS: um relato de experiência. Rev Eletr Enf [periódico na Internet]. 2009 [citado 2009 nov 10]; 11(4):1043-8. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n4/pdf/v11n4a32.pdf>.

Recebido: 29/09/2010
Aceito: 15/05/2011